

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Prod. Cultural / Filmes
Data: 31/05/93 Pg.: - Caderno 2 81

CINEMA/Projeto

Bodansky quer levar a Amazônia às crianças

Mauro Dias

RIO — Diretor, roteirista, montador e fotógrafo de cinema e televisão, Jorge Bodansky tem realizado há 20 anos filmes e vídeos sobre a Amazônia para o mercado europeu, sonhando sempre em fazê-lo também para o público brasileiro — mais especialmente para as crianças brasileiras. “Tenho dificuldade em falar sobre bichos, rios, árvores da floresta tropical com meus filhos; não há como ilustrar a conversa, não existem estas imagens”, há muito precebeu. Em 1989 Bodansky associou-se ao produtor (de teatro e cinema, também diretor e roteirista) Pedro Carlos Rovai e juntos imaginaram uma série de cinco filmes, com finalização e vídeo, cada um com 26 minutos de duração, contando a história de uma família típica ribeirinha da bacia amazônica. O olhar condutor da narrativa é o da menininha Nara (nome de referência), e *Amazônia — Uma Aventura Mágica* falará da relação dela com seu mundo muito especial — a floresta — enquanto a família migra, deixa vários lugares, chega a Manaus e termina de volta à floresta, num final feliz mais sonhado do que provável. A idéia despertou entusiasmo no Brasil e fora daqui. Uma grande produtora francesa, a Eural, interessou-se e bancaria três quartos do custo da



Em Amazônia — Uma Aventura Mágica, o fio condutor da história é o olhar de uma menina

produção — orçada em um milhão de dólares. A TV Educativa (Rio) poderia entrar na co-produção (Pedro Rovai era diretor da emissora na época), a Embrafilme chegou a liberar verba para a confecção do roteiro e para algumas viagens à Amazônia em busca de atores locais e locações. Sucessivamente as

possibilidades foram sendo derrocadas por crises e medidas de governo — o fim da Embrafilme foi um dos capítulos da desventura mágica paralela ao desenvolvimento da idéia: depois foram acionadas e não deram em nada a Lei Sarney, a Lei Rouanet. O interesse da Unesco não sensibilizou produtores. A

garantia de distribuição européia (na Itália, França, Alemanha) também não. A Eural tinha contrato prévio de distribuição e assegurava renda cinco vezes superior ao preço da produção apenas na primeira exibição da série. Nada do capital nacional, ainda assim. Hoje, *Amazônia — Uma Aventura Mágica* aguarda possível patrocínio do Banespa, concorrendo — com outros 75 projetos — a uma das dez cotas de patrocínio que a instituição examina.

Bodansky diz que esta *Amazônia* é mais do que um filme: “Na verdade é um projeto político, um objetivo de vida”, considera, com a autoridade de quem usou o cinema como arma política, ao longo do regime militar, e encontra nesta nova causa o universo contemporâneo de interferência da arte no processo social. “É imperativo fazer um filme destes. A questão amazônica está em pauta há mais de dez anos e absurdamente a produção áudio-visual encontra-se fora dela. O que a criança brasileira conhece de lá é a visão de fora, do estrangeiro”. A série, que poderia ficar pronta seis meses após a liberação da verba, poderia ser ampliada. “O formato de cinco capítulos obedece a padrões internacionais de exibição”, explica Pedro Rovai, “mas o assunto não se esgota. Esta realização poderia tornar-se um sinalizador, uma vertente para a produção cinematográfica nacional”. Bodansky volta à necessidade de o cinema brasileiro aliar-se à televisão como maneira de sobreviver, sendo ele próprio um cineasta que trabalha constantemente para a TV — “Aconteceu assim em todo o mundo”, lembra.

Amazônia - Uma Aventura Mágica está programada para ser filmada com técnica de documentário e linguagem de ficção, garantindo a atenção do público infantil através do apelo lúdico de imagens e situações. Viagem mágica, sem dúvidas — e que outra mágica será necessária para que dê partida?